

ABERTURA

I COLÓQUIO INTERNACIONAL

Dr. Antônio Gomes da Costa
Real Gabinete Português de Leitura

Na ausência, por motivos profissionais, do senhor presidente do Liceu Literário Português, as nossas primeiras palavras são para dar as boas vindas, em nome da instituição, a todos aqueles que participam deste Colóquio Internacional, denominado “A língua portuguesa no mundo da lusofonia” e agradecer, de modo especial, aos professores e aos especialistas que, originários de vários Estados do Brasil e de outros países, nos distinguem com sua presença e enriquecem a iniciativa com sua contribuição pedagógica.

Para o Liceu Literário Português é uma honra receber, para além daqueles que, vivendo no Rio de Janeiro, estão mais perto desta Casa e partilham com frequência de nossas atividades, os mestres e participantes que vieram de longe, de Portugal e da França, de Angola e de Moçambique, de Cabo-Verde e de Timor-Leste, ou, então, da cidade de Santo Nome de Deus de Macau, atendendo ao convite que lhes foi dirigido pela Comissão Organizadora do Colóquio, para que, durante alguns dias, não só refletíssemos, em conjunto, sobre a situação da língua portuguesa no mundo contemporâneo, mas também tratássemos dos grandes desafios que persistem para o seu ensino e a sua expansão no espaço que lhe deveria ser cativo. Isso para já não falarmos dos temas específicos – da lingüística e da crítica textual, da sintaxe e da lexicografia, das variações e das variantes do idioma, que serão objeto de debates e exposições por parte dos coordenadores e dos conferencistas do Colóquio.

Este evento realiza-se numa altura em que o Liceu Literário Português inicia um novo e importante ciclo de sua história. Criado em 1868, ainda no tempo do Brasil-Império, para oferecer instrução e ensino de uma arte ou de um ofício aos emigrantes portugueses que vinham realizar seus projetos de vida, o Liceu, ao correr de sua existência, foi-se adaptando a novas realidades do país e perseguiu objetivos cada vez mais amplos em seu funcionamento. Assim, alinhou-se nos programas republicanos da alfabetização de crianças e de adultos; manteve e mantém cursos supletivos do 1º e 2º grau; desenvolveu

cursos profissionais em diversas áreas, como as da administração de empresas, de contabilidade e de secretariado; organizou cursos de pós-graduação de cultura portuguesa, os primeiros sob a direção de Afrânio Peixoto e de Pedro Calmon – e, a partir dos anos 90, com a criação do Instituto de Língua Portuguesa e do Instituto de História Luso-Brasileira, procurou transformar-se num centro de excelência para os estudos do Idioma e para a pesquisa da História dos dois países.

No ano passado, reconhecido pelas autoridades brasileiras competentes, começou a funcionar o curso de Especialização em nível de pós-graduação da Língua Portuguesa. Foi a abertura, em termos de magistério, de um novo tempo: já não perdura a preocupação de assegurar ao emigrante a melhoria do nível de conhecimentos ou a aprendizagem de uma profissão, como acontecia no século XIX e nas primeiras décadas do século XX, mas corporifica-se o propósito de transformar esta Casa numa matriz de referência do ensino e da investigação da Língua e da História.

Da Língua, porque é um patrimônio comum a nossos povos e representa o que as nossas culturas têm de mais essencial. Defendê-la e enriquecê-la em sua diversidade, é mais do que defender e enriquecer as nossas culturas, como escreveu Claude Hagège, porque é defender a nossa vida. Da História, porque o processo de sua ideologização acabou por nos levar ao abandono das fontes de maior legitimidade e a um enquadramento assimétrico e perverso do passado, procurando-se fazer quase sempre dessa História a memória das “coisas que se faziam erradas”, para usarmos a expressão da *Crônica do Condestável*, mas omitindo-se, quase sempre, os “valentes e nobres feitos”, os legados positivos e as virtudes, os acertos e os protagonistas que foram capazes de construir, ao correr dos séculos, o futuro da nacionalidade. E não podemos esquecer, referindo-nos aos povos da lusofonia, que grande parte da História de cada um dos nossos países está escrita e faz também parte da História dos outros, em passagens heróicas ou em testemunhos de fraternidade.

Vamos conseguir fazer do Liceu Literário Português essa matriz referencial, porque, quando os homens acreditam no sonho, o sonho acontece. E, de qualquer forma, podemos desde logo dizer, como o clássico Antônio Ferreira, que ficamos contentes de servir nosso Rei e nossa gente.

A parte final deste Colóquio é também uma homenagem a Joaquim Mattoso Câmara Júnior, lingüista e filólogo brasileiro, cujo centenário de nascimento está a ser comemorado. O seu magistério e a sua obra levam-nos a evocar a sua memória e a render-lhe o tributo de nossa admiração. Mas levam-nos também a avaliar o quanto devemos a essa plêiade de mestres brasileiros que durante toda a sua vida se dedicaram ou dedicam a defender e a valorizar a cultura e a língua portuguesa. Ontem, Mattoso Câmara; hoje, Evanildo Bechara;

ontem, Sílvio Elia; hoje, Leodegário de Azevedo Filho; ontem, Cecília, hoje, Cleonice; ontem, João do Rio, Afrânio Peixoto, Gilberto Freyre, Pedro Calmon e tantos outros, hoje, todos aqueles que se iniciaram na devoção da lusofonia e nunca mais perderam o gosto de investir e de enaltecer o Portugal ecumênico e humanista.

Como na definição saussuriana, é escutando os outros que aprendemos a nossa língua materna. Pois também aprenderemos muito – duvidar quem há de? – ao longo deste Colóquio se soubermos ouvir as lições e os depoimentos daqueles que o vão dirigir e enriquecer. Quando ele terminar, todos estaremos mais firmes na convicção de que a Língua Portuguesa, cuja esteira atravessa vastos territórios, não é um vestígio da memória, empobrecido pelas cambiantes ou pela diversidade, pelo envelhecimento ou pelos embalos artificiais. Pelo contrário. A Língua Portuguesa para nossos povos é e será sempre geradora de vida e de seiva da própria nacionalidade.

Que assim seja!



Da esquerda para a direita

1ª fileira: Nilda Cabral, Aníbal Castro, Therezinha Bittencourt, Adriano Kury, Horácio Rolim, Profa. Albertina Cunha, Leodegário Azevedo, Antônio Gomes da Costa.

2ª fileira: Luiz Martins, Victor Kajibanga, Evanildo Bechara, Maximiano de Carvalho, Jorge Rangel, José Lobo do Amaral.

3ª fileira: Sebastião Pinho, Manuel Semedo, Francisco Gomes da Costa, Ricardo Cavaliere, Paulo Pires, Rosalvo do Valle, Antônio Martins, Walmírio Macedo, Carlos Eduardo Uchôa.